



Tayronne de Almeida Rodrigues
João Leandro Neto
(Organizadores)

Competência Técnica e Responsabilidade Social e Ambiental nas Ciências Agrárias

Tayronne de Almeida Rodrigues
João Leandro Neto
(Organizadores)

Competência Técnica e Responsabilidade Social e Ambiental nas Ciências Agrárias

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Rafael Sandrini Filho
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C737	Competência técnica e responsabilidade social e ambiental nas ciências agrárias / Organizadores Tayronne de Almeida Rodrigues, João Leandro Neto. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-574-7 DOI 10.22533/at.ed.747190209 1. Agricultura. 2. Ciências ambientais. 3. Pesquisa agrária – Brasil. I. Rodrigues, Tayronne de Almeida. II. Leandro Neto, João. CDD 630
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

Este *e-book* intitulado “Competência Técnica e Responsabilidade Social e Ambiental nas Ciências Agrárias”, está dividido em 21 capítulos nos quais abordam a compreensão dos ensinamentos multidisciplinares nas ciências agrárias, auxiliam o leitor a cultivar a responsabilidade e a consciência no que diz respeito às questões ambientais, atingindo os profissionais formadores de opiniões acadêmicas, capacitando também as diferentes áreas que buscarem informações nesta obra. Incentiva e propõe adoção de medidas que possam garantir o desenvolvimento sustentável, pautado numa cultura de responsabilidade social enfocando questões em evidência: projetos agroecológicos, juventude do campo, sistemas agroflorestais, reuso da água, educação ambiental, etnobotânica, estudos dos solos entre outros.

Antes de tudo as problemáticas ambientais, bem como a educação, envolvem questões políticas, interesses sociais e de acordo com as diferentes culturas podem assumir conotações diversas. Ainda há muito a ser feito, pois o ser humano age de acordo com o que ele vivencia em seu cotidiano. Academia e comunidade devem estar unidas para sensibilizar e tornar visíveis os aspectos dessa educação. As questões trabalhadas neste livro ressaltam essa importância para as gerações vindouras.

Tayronne de Almeida Rodrigues

João Leandro Neto

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
PROJETO AGROECOLÓGICO E CIDADÃO DA JUVENTUDE DA AMAZÔNIA: PERFIL DE ENTRADA DOS JOVENS	
Ana Paula da Silva Bertão	
Eliane Silva Leite	
Maria Irenilda de Sousa Dias	
Clodoaldo de Oliveira Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.7471902091	
CAPÍTULO 2	14
PRECIPITAÇÃO MÁXIMA DIÁRIA ANUAL NA BACIA DO RIO MANUEL ALVES DA NATIVIDADE	
Tamara Thalia Prolo	
Virgílio Lourenço da Silva Neto	
Pedro Henrique Haddad Araujo	
Pietro Lopes Rego	
Otacílio Silveira Júnior	
Ezequiel Lopes do Carmo	
DOI 10.22533/at.ed.7471902092	
CAPÍTULO 3	25
SISTEMAS AGROFLORESTAIS BIODIVERSOS EM MATO GROSSO DO SUL, REGIÃO OESTE DO BRASIL: SITUAÇÃO ATUAL E PERSPECTIVAS	
Milton Parron Padovan	
Jaqueline Silva Nascimento	
Zefa Valdivina Pereira	
Jaine Aparecida Balbino Soares	
Shaline Séfara Lopes Fernandes	
Jerusa Cariaga Alves	
Pablo Soares Padovan	
Patrícia Rochefeler Agostinho	
DOI 10.22533/at.ed.7471902093	
CAPÍTULO 4	36
ACÚMULOS DE CARBOIDRATOS EM CUPUAÇUZEIRO SOB SISTEMAS AGROFLORESTAIS NUMA PERSPECTIVA AGROECOLÓGICA	
Daiana Mex Ramos De Sousa	
Paulo Henrique Batista Dias	
Renata Ferreira Lima	
Jonathan Braga Da Silva	
Diocléa Almeida Seabra Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7471902094	
CAPÍTULO 5	41
MARIA CELENE DE ALMEDA: A MÃE DA ACEROLA (<i>Malpighia glabra</i> L.) NO BRASIL	
Neide Kazue Sakugawa Shinohara	
Josefa Martins da Conceição	
Maria do Rosário de Fátima Padilha	
Fábio Henrique Portella Corrêa de Oliveira	
Gisele Mine Shinohara	
Masayoshi Matsumoto	
DOI 10.22533/at.ed.7471902095	

CAPÍTULO 6 53

AVALIAÇÃO NUTRICIONAL E USO CULINÁRIO DA *Dioscorea bulbifera* L.

Neide Kazue Sakugawa Shinohara
Indira Maria Estolano Macedo
Maria do Rosário de Fátima Padilha
Rodrigo Rossetti Veloso
Gisele Mine Shinohara
Masayoshi Matsumoto

DOI 10.22533/at.ed.7471902096

CAPÍTULO 7 61

ASPECTOS FARMACOBOTÂNICO, MEDICINAL E NUTRICIONAL DE *PORTULACA OLERACEA* L.

Amanda Ribeiro Correa
Ana Mayra Pereira da Silva
Cárita Rodrigues de Aquino Arantes
Mônica Franco Nunes
Carla Spiller
Rosiane Alexandre Pena Guimarães
Vitor Stevan Mendes da Silva
Maria Corette Pasa
Elisangela Clarete Camili

DOI 10.22533/at.ed.7471902097

CAPÍTULO 8 71

ALIMENTAÇÃO NO HAITI: SUBSÍDIO PARA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL EM ESCOLAS LATINOAMERICANAS

Erica Duarte-Silva
Pablo Sales Almeida
Adriano Silverio
Karina Schmidt Furieri

DOI 10.22533/at.ed.7471902098

CAPÍTULO 9 78

ESTAQUIA DE *Euphorbia phosphorea* Mart. SOB DIFERENTES CONCENTRAÇÕES DE ÁCIDO INDOLBUTÍRICO

Paulo Roberto Winckler
Paulo Roberto Winckler Filho
Überson Boaretto Rossa

DOI 10.22533/at.ed.7471902099

CAPÍTULO 10 86

EFEITO DAS DOSES DE ADUBAÇÃO NITROGENADA E DOS ESPAÇAMENTOS SOBRE A PRODUÇÃO DE RÚCULA

Tamara Thalia Prólo
Lincoln Araújo Pereira Soares
Ediney Santana de Sousa
Guilherme Cavalari Cavalcanti
Tiago de Souza Bastos
Ezequiel Lopes do Carmo

DOI 10.22533/at.ed.74719020910

CAPÍTULO 11 92

CARACTERIZAÇÃO DO HÁBITO DE COMPRA DOS CONSUMIDORES DE MEL NO MUNICÍPIO DE
CAPITÃO POÇO, PARÁ

Nagila Sabrina Guedes da Silva
Antonio Maricélio Borges de Souza
Antonia Beatriz de Oliveira Rodrigues
Beatriz Silva Lins
Elis Lira da Costa
Francisco Carlos Rossetti Junior
Iuri Elivaldo Barbosa Coutinho
Paulo Sergio Rodrigues de Lima
Wanderson Cunha Pereira

DOI 10.22533/at.ed.74719020911

CAPÍTULO 12 103

MAPEAMENTO DA PRECIPITAÇÃO MÁXIMA PROVÁVEL NA BACIA DO RIO MANUEL ALVES DA
NATIVIDADE

Virgílio Lourenço da Silva Neto
Delfim Dias Bonfim
Tamara Thalia Prolo
Ezequiel Lopes do Carmo
Otacílio Silveira Júnior
Marcelo Ribeiro Viola
Luziano Lopes da Silva

DOI 10.22533/at.ed.74719020912

CAPÍTULO 13 114

USO DE PLANTAS DE ALTA RESISTÊNCIA NO PAISAGISMO CONTEMPORÂNEO NA DIMENSÃO
DO ENSINO E DA APRENDIZAGEM, EM PROGRAMA DE ESTÁGIO CURRICULAR DE REGÊNCIA

Paulo Roberto Winckler
Simão Alberto
Überson Boaretto Rossa

DOI 10.22533/at.ed.74719020913

CAPÍTULO 14 119

CONTRABANDO E FALSIFICAÇÃO DE AGROTÓXICOS: QUESTÃO DE INFORMAÇÃO E
CONSCIENTIZAÇÃO SÓCIO AMBIENTAL

Fábio Pereira Martins
Diego Balbinot
Giovana Ritter
Tânia Vezzaro
Ana Paula Morais Mourão Simonetti

DOI 10.22533/at.ed.74719020914

CAPÍTULO 15 127

POTENCIAL DE SISTEMAS AGROFLORESTAIS BIODIVERSOS EM PROCESSOS DE
RESTAURAÇÃO AMBIENTAL

Milton Parron Padovan
Zefa Valdivina Pereira
Jaqueline Silva Nascimento
Jaine Aparecida Balbino Soares
Shaline Séfara Lopes Fernandes
Jerusa Cariaga Alves
Patrícia Rochefeler Agostinho

DOI 10.22533/at.ed.74719020915

CAPÍTULO 16 137

OS BENEFÍCIOS DE UMA HORTA COMUNITÁRIA EM UMA UNIDADE ESCOLAR MUNICIPAL NO ESTADO DO PIAUÍ: UM OLHAR DE SUSTENTABILIDADE E CIDADANIA

Ildener Alves Pereira
Raimunda Nonata Silva Souza
Antônio Rosa de Sousa Neto
Alexandre Maslinkiewicz
Vanessa Maria Oliveira Viana
Glicia Cardoso do Nascimento
Daniela Reis Joaquim de Freitas

DOI 10.22533/at.ed.74719020916

CAPÍTULO 17 145

ANÁLISE DO TEOR DE CINZAS EM AMOSTRAS DE ALFACE CRESPA (*Lactuca sativa L.*) COMERCIALIZADAS EM FEIRAS POPULARES DE CARUARU-PE

Adna Cristina da Silva
Carlos Eduardo José da Silva Santos
Emerson Marcelo dos Santos Silva
Jennefer Laís Neves Silva
Kelly Ferreira Teixeira da Silva Neri
Laysa Leite da Silva
Letícia Clementino Pereira Silva
Micaelle Batista Torres
Wesley Rick Cordeiro de Lima
Lidiany da Paixão Siqueira

DOI 10.22533/at.ed.74719020917

CAPÍTULO 18 153

ANÁLISE DA COMERCIALIZAÇÃO DE ANIMAIS PARA ABATE POR PECUARISTAS FAMILIARES DE DIFERENTES REGIÕES DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Fabiano Vargas de Vargas
Fabiano Nunes Vaz
Greicy Sofia Maysonnave
Leonir Luiz Pascoal
Ricardo Zambarda Vaz
Edom de Avila Fabricio
Tiago Alan Cunha Nardino
Marcelo Machado Severo

DOI 10.22533/at.ed.74719020918

CAPÍTULO 19 169

RECUPERAÇÃO DO CÁLCIO CONTIDO EM RESÍDUOS DE INCUBATÓRIO POR MEIO DE TRATAMENTOS ÁCIDOS

Felippe Martins Damaceno
Maico Chiarelto
Jakson Bofinger
Ederson Pastor Bugatti
Mônica Sarolli Silva de Mendonça Costa
Luiz Antônio de Mendonça Costa

DOI 10.22533/at.ed.74719020919

CAPÍTULO 20 182

AVALIAÇÃO DA UTILIZAÇÃO DE ENZIMAS CARBOIDRASES E DIFERENTES NÍVEIS DE ENERGIA METABOLIZÁVEL EM DIETAS PARA FRANGO DE CORTE DE 01 A 35 DIAS DE IDADE

Mayco Mascarello Richardi

DOI 10.22533/at.ed.74719020920

CAPÍTULO 21 190

MONITORAMENTO DE REATORES ANAERÓBIOS-AERÓBIOS EMPREGADOS NO TRATAMENTO DE EFLUENTE DE ABATE BOVINO

Maria Clara Seabra Teobaldo

Aruani Letícia da Silva Tomoto

Vitória Sapia Guerra

Abraão Fernandes Zago

Jefferson de Queiroz Crispim

Cristiane Kreutz

DOI 10.22533/at.ed.74719020921

SOBRE OS ORGANIZADORES..... 197

ÍNDICE REMISSIVO 198

ANÁLISE DA COMERCIALIZAÇÃO DE ANIMAIS PARA ABATE POR PECUARISTAS FAMILIARES DE DIFERENTES REGIÕES DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Fabiano Vargas de Vargas

Universidade Federal de Santa Maria,
Departamento de Educação Agrícola e Extensão
Rural
Santa Maria – Rio Grande do Sul

Fabiano Nunes Vaz

Universidade Federal de Santa Maria,
Departamento de Educação Agrícola e Extensão
Rural
Santa Maria – Rio Grande do Sul

Greicy Sofia Maysonave

Universidade Federal de Santa Maria,
Departamento de Zootecnia
Santa Maria – Rio Grande do Sul

Leonir Luiz Pascoal

Universidade Federal de Santa Maria,
Departamento de Zootecnia
Santa Maria – Rio Grande do Sul

Ricardo Zambarda Vaz

Universidade Federal de Santa Maria,
Departamento de Zootecnia
Palmeira das Missões – Rio Grande do Sul

Edom de Avila Fabricio

Universidade Federal de Santa Maria,
Departamento de Zootecnia
Santa Maria – Rio Grande do Sul

Tiago Alan Cunha Nardino

Universidade Federal de Santa Maria,
Departamento de Zootecnia
Santa Maria – Rio Grande do Sul

Marcelo Machado Severo

Universidade Tecnológica Federal do Paraná,
Departamento de Zootecnia
Dois Vizinhos – Paraná

RESUMO: O objetivo deste trabalho foi analisar a representatividade da comercialização de gado para abate realizada por pecuaristas familiares de diferentes regiões do estado do Rio Grande do Sul, buscando compreender a importância da pecuária de pequeno porte e suas limitações frente ao mercado competitivo da carne no âmbito da indústria frigorífica. Foram analisadas as relações comerciais entre a indústria frigorífica localizada no Centro do estado do Rio Grande do Sul e os pecuaristas familiares radicados em diferentes meso e microrregiões do Rio Grande do Sul. A análise foi realizada considerando 2.095 contratos de vendas, realizadas por pecuaristas familiares de diferentes regiões do estado. Os resultados possibilitaram inferir uma variação das vendas durante os meses e anos pesquisados. Quanto ao número de comercializações realizadas ao ano, 70,3% foram concretizadas pelas mulheres uma única vez, enquanto que os homens foi 69,4%. No que diz respeito a quantidade de negócios concretizados, na média 69,5% das comercializações foram feitas uma única vez, demonstrando também ser o maior volume de

animais vendidos na primeira comercialização, também observou-se que mesmo sendo pequena, houve uma distribuição das vendas durante os meses. A distribuição dos pecuaristas familiares em meso e microrregiões no estado foi outro importante dado identificado pelo estudo, 42,9% dos pecuaristas da mesorregião Noroeste são familiares. Diante do exposto, ressalta-se a importância de estudos que possibilitem o entendimento e o reconhecimento do pecuarista familiar no âmbito da comercialização de produtos cárneos na indústria frigorífica, organizando ações frente ao complexo mercado da pecuária.

PALAVRAS-CHAVE: Bovinos de corte. Indústria frigorífica. Mesorregiões. Microrregiões. Pequeno produtor.

ANALYSIS MARKETING OF ANIMALS FOR SLAUGHTER BY FAMILY FARMERS FROM DIFFERENT REGIONS OF THE RIO GRANDE DO SUL STATE

ABSTRACT: The objective of this study was to analyze the representativeness of commercialization of cattle for slaughter carried out by family farmers from different regions of the state of Rio Grande do Sul, seeking to understand the importance of livestock farming of small businesses and their limitations facing the competitive market of meat under the slaughtering industry. We analyzed the trade relations between the slaughterhouse industry located in the center of the state of Rio Grande do Sul and the family farmers rooted in different meso and micro regions of Rio Grande do Sul. The analysis was performed considering 2.095 sales contracts, carried out by cattle farmer family of different regions of the state. The results made it possible to infer a variation of sales during the months and years surveyed. As to the number of trade classes performed per year, 70.3% were performed by women only once, while men were 69.4%. With regard to the number of businesses completed, on average, 69.5% of the sales were made only once, also proving to be the largest volume of animals sold in the first commercialization, it was also observed that, although small, there was a distribution of sales during the months. The distribution of family farms in meso and microregions in the state was another important fact identified by the study, 42.9% of cattle farmers in the Northwest mesoregion were familiar. Given the above, it is emphasized the importance of studies that facilitate the understanding and recognition of the familiar farmer in the context of the marketing of meat products in the slaughtering industry, organizing actions outside the complex livestock market.

KEYWORDS: Bovine marketing. Industry. Mesoregions. Microregions. Family farmer.

1 | INTRODUÇÃO

A pecuária de corte no Rio Grande do Sul tem sua origem nos primórdios da ocupação do espaço agrário gaúcho, onde contribuiu significativamente para a formação da sociedade, tanto do ponto de vista econômico quanto social. Teve os jesuítas espanhóis e os índios como os responsáveis pela introdução do gado bovino,

que acabou solto nos campos gaúchos e posteriormente passou a ser objeto de “caça” para o comércio (RIBEIRO, 2009).

Ao final do século XVIII, houve a ocupação do estado através da distribuição das sesmarias, onde estabeleceram-se as grandes estâncias (ALMEIDA, 1992). Já durante o século XIX, aconteceu a chegada de imigrantes europeus, principalmente alemães e italianos, que ocuparam novas áreas (regiões próximas de Porto Alegre e nordeste do estado) e passaram a desenvolver novas atividades. De acordo com Ferreira Filho (1958), o sul do estado já havia sido relativamente ocupado pelas sesmarias. Silva Neto (2002) sustenta que alguns imigrantes estabeleceram-se em terras de floresta que não despertavam o interesse dos estancieiros, introduzindo uma dinâmica que não tinha “praticamente nenhum vínculo econômico ou sócio-cultural com a pecuária”.

Instaurou-se assim a diferenciação entre as regiões sul e norte do estado. No sul, os grandes estancieiros com uma pecuária extensiva e, ao norte, segundo Ferreira Filho (1958) e Pesavento (1994), produtores com base sócio-econômica alicerçada sobre a pequena propriedade. Farinatti (2005) faz referência à existência de um grupo de pequenos produtores já neste período, constatando que já havia uma realidade agrária bem mais complexa.

Contudo, por intermédio das atividades advindas da pecuária, nota-se a existência de formas familiares de produção, entre elas a da pecuária familiar (WAQUIL et al., 2016). O pecuarista familiar, invisível por muito tempo dentro dessa cadeia produtiva da carne, recebeu o devido reconhecimento e valorização como categoria social a partir do lançamento, em 2016, do livro “Pecuária Familiar no Rio Grande do Sul: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento”, que reúne o conjunto de estudos desenvolvidos sobre essa categoria social na última década e meia (WAQUIL et al., 2016).

Segundo Waquil et al. (2016) o pecuarista familiar tem na sua essência a criação de animais, com pleno domínio e conhecimento sobre essa prática. É neste cenário que a pecuária familiar vem ocupando seu espaço desde a década de 90, onde a expressão “agricultura familiar” emergiu para a sociedade brasileira (SCHNEIDER, 2006). Conforme dados da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER, 2016), a pecuária familiar detinha em torno de 3 milhões de bovinos de corte, o que representava 21,5% do rebanho de bovinos do estado em 2016.

Autores como Waquil et al. (2016), Schneider (2016) e Matte (2017) norteiam o entendimento dessa categoria social e suas relações comerciais. Os mesmos reiteram a heterogeneidade dessa categoria que enfrenta novos desafios constantemente. Desta forma, é imprescindível estar atento ao mercado, tendo em vista que estratégias e articulações devem ser desenvolvidas com o intuito de proporcionar maior autonomia ao pecuarista familiar.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho foi analisar a representatividade da comercialização de gado para abate realizada por pecuaristas familiares de diferentes regiões do estado do Rio Grande do Sul em uma indústria frigorífica do centro do

estado, buscando compreender a importância da pecuária de pequeno porte e suas limitações comerciais frente ao mercado competitivo da carne.

2 | MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi realizado através de uma pesquisa exploratória descritiva por amostragem, com variáveis quantitativas, em uma indústria frigorífica do centro do estado. A análise considerou 12.769 contratos de vendas, sendo 2.095 feitas por pecuaristas familiares de diferentes regiões do estado, o que corresponde a 49.182 cabeças de gado no período de 2010 a 2013, mostrando que mesmo não sendo tão expressiva há certa representatividade dessa categoria no complexo mercado da carne.

Para Pinsonneault e Kraemer (1993), a descrição do objeto analisado busca mapear a distribuição de um fenômeno na população estudada, seja ela tomada como um todo ou dividida em subgrupos. O objetivo dessa metodologia é descrever esta distribuição ou realizar comparações entre distribuições.

O método de pesquisa envolveu três momentos distintos:

1. identificação dos pecuaristas familiares a partir da análise do banco de dados de fornecedores de gado para abate de 2010 a 2013, de uma empresa frigorífica, que abate em média 10 mil animais por mês;
2. identificação dos produtores que não possuem mão de obra terceirizada e remunerada, por meio da análise dos descontos ou não do FUNRURAL e definição da amostra;
3. tabulação e análise dos resultados.

Definição da amostra

A definição da amostra foi feita de acordo com alguns critérios pré estabelecidos na Lei Estadual N° 13.515, de 13 de setembro de 2010, que definem quem são os pecuaristas familiares. Dentre eles estão a limitação na extensão das unidades de produção em trezentos hectares, ter como atividade predominante a cria ou a recria de bovinos e/ou caprinos e/ou bubalinos e/ou ovinos com a finalidade de corte e mão de obra predominantemente familiar.

Em consonância com os preceitos, para determinação da amostra foi identificado o critério de desconto do FUNRURAL. Assim, aqueles que descontavam o FUNRURAL eram os que não tinham vínculo empregatício, ou seja, produtores rurais que não possuíam qualquer tipo de mão de obra contratada por mais de cento e vinte dias ao ano, portanto, pecuaristas familiares.

Coleta de dados e análise dos resultados

Nesta pesquisa, foi adotado para a coleta de dados o modelo exploratório descritivo por amostragem, com variáveis quantitativas por meio da análise do banco de dados da empresa responsável pela compra dos animais para abate na indústria pesquisada.

Após a coleta dos dados, estes foram tabulados em planilhas utilizando o *software Microsoft Office Excel*. A análise dos resultados consistiu em estatísticas descritivas, identificando o município de origem dos animais, o que permitiu alocar em meso e microrregiões do estado, frequências, médias, valores mínimos e máximos.

Cada contrato de venda representou um evento de comercialização e, dentro dos contratos, também foi quantificado o número de animais comercializados, para identificação da representatividade do número de animais em relação às variáveis independentes familiar vs patronal, gênero masculino vs feminino e entre meso e microrregiões do estado.

O gênero dos produtores foi classificado a partir da identificação dos nomes masculinos e femininos. Para os nomes que se adequam para os dois gêneros, como Lenir, Neli, entre outros, os pesquisadores buscaram contato telefônico direto com os intermediários das vendas ou com os próprios produtores para sua correta identificação autodeclarada.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Meses	Familiar		Não familiar		Total Nº	Total %
	Nº	%	Nº	%		
Jan	129	14,7	748	85,2	877	100,0
Fev	158	16,9	772	83,0	930	100,0
Mar	189	16,8	932	83,1	1121	100,0
Abr	195	17,4	921	82,5	1116	100,0
Mai	188	16,9	921	83,0	1109	100,0
Jun	101	14,0	619	85,9	720	100,0
Jul	97	11,4	752	88,5	849	100,0
Ago	207	16,4	1048	83,5	1255	100,0
Set	259	20,8	982	79,1	1241	100,0
Out	214	17,5	1003	82,4	1217	100,0
Nov	202	16,2	1041	83,7	1243	100,0
Dez	156	14,3	935	85,7	1091	100,0
Total	2.095	16,4	10.674	83,5	12769	100,0

Tabela 1 – Número de vendas e representividade dessas por mês, durante os anos de 2010 à 2013, dos pecuaristas familiares e não familiares

Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados da pesquisa.

A Tabela 1 mostra que mesmo não sendo tão expressivo o volume de contratos,

existe variação nas vendas de animais para abate nos diferentes meses do período pesquisado, ao contrário do que (RIBEIRO, 2009) identificou em sua tese onde não existia relações mercantis guiados pelos melhores preços ou pelas diferentes épocas do ano. O menor percentual foi observado no mês de julho e o maior percentual em setembro. Julho é um mês com poucos contratos de compra apenas 11,4% dos contratos efetuados por pecuaristas familiares no período pesquisado, visto que nesta época as pastagens de inverno ainda não estão estabelecidas, o que é chamado popularmente de “vazio forrageiro” (VAZ et al., 2014). Sendo assim, os produtores sem reservas de feno, silagem ou de áreas de campo nativo com boa oferta de forragem são os principais afetados nesse período, quando a pastagem natural reduz sua produção (MOOJEN; MARASCHIN, 2002; PINTO et al., 2008).

Outra importante interpretação é que mesmo em meses de menor oferta de pastagens a pecuária familiar contribui com animais para abate, indicando a existência de tecnologias de produção independentes da terminação em pastagem natural. Nesse caso, observa-se que supostamente esse pode estar antecipando a sementeira da pastagem, possibilitando a venda de animais em períodos com uma maior valorização financeira por parte da indústria ou mesmo usando suplementação em pastagem, fato que melhora o ganho de peso dos animais (MARTINI et al., 2015).

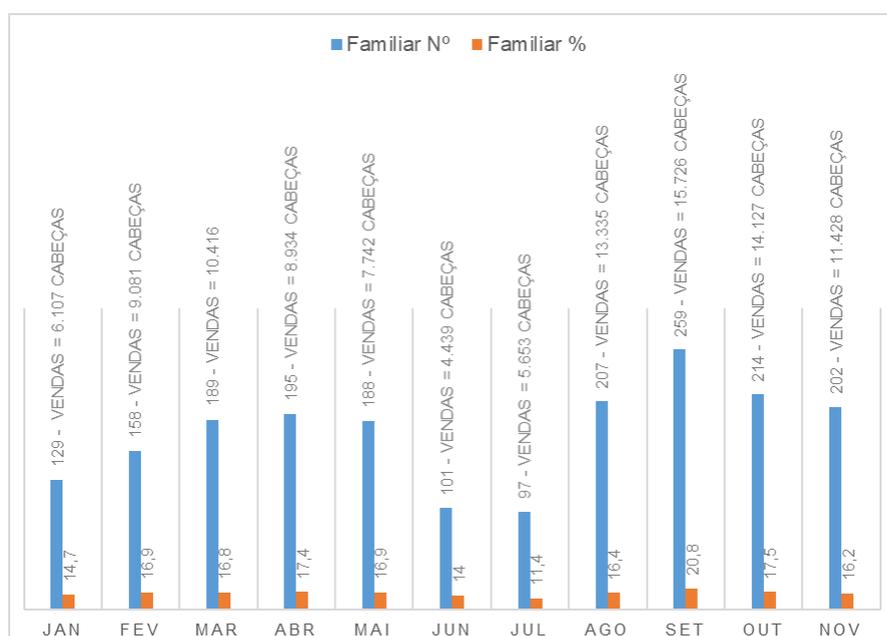


Figura 1 – Distribuição das vendas/cabeças e representatividade dessas por mês dos pecuaristas familiares amostrados na pesquisa

Setembro é o mês em que se verifica um maior volume de vendas por parte dos pecuaristas familiares, com 259 contratos concretizados. Agosto, setembro, outubro e novembro são os meses com maior número de contratos (Figura 1). Supõe-se que o aumento do número de comercializações seja em virtude da desocupação de áreas que estavam com pastagens cultivadas de inverno, para serem preparadas para o

plântio da soja.

Gênero do Produtor	Número de comercializações realizadas ao longo do ano										Total
	1	2	3	4	5	6	7	8	10	12	
Feminino	70,3	20,1	7,0	1,5	0,0	0,5	0,5	0,0	0,0	0,0	100,0
Masculino	69,4	18,9	6,4	2,4	1,2	0,6	0,1	0,4	0,0	0,1	100,0
Média	69,5	19,0	6,5	2,3	1,0	0,5	0,2	0,3	0,0	0,1	100,0

Tabela 2 – Percentual de pecuaristas familiares por gênero, e número de comercializações realizadas ao ano no período estudado

Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados da pesquisa.

A Tabela 2 mostra que aproximadamente 70% dos produtores, independente do gênero, comercializa apenas uma vez ao ano seus animais, o que leva a inferir que o pecuarista familiar está atento a uma melhor valorização do seu produto e que, logicamente, em geral não são rebanhos de maiores escalas, e que também poderiam haver vendas para outros abatedouros, porém não seria um comportamento comum do pecuarista familiar. Segundo Ribeiro (2016) e Andreatta et al. (2016), isto pode ocorrer em função de os pecuaristas possuírem um número de animais superior ao da capacidade de produção de pastagem da sua propriedade, o que aumenta a oferta de gado magro da pecuária familiar para a terminação dos animais por outros produtores.

Outros trabalhos, como os de Ribeiro (2009) e Porto (2008) demonstram que a comercialização pode ser organizada para ser feita em um contrato único, isso ocorre principalmente pela necessidade de recursos financeiros. Já Andreatta (2009) expõe que existem dois aspectos que levam o pecuarista familiar à comercialização de seus animais, o primeiro, em virtude da necessidade de dinheiro e o segundo, porque precisam liberar o campo, o que justificariam as vendas em vésperas de menores produções de forragem natural (SOARES et al., 2005).

Matte (2017) concorda que de fato existe a venda por necessidade de recurso financeiro, porém os resultados da sua pesquisa mostram que os pecuaristas familiares se preocupam também em comercializar seus animais em período adequado ao bom manejo do campo natural e ao melhor retorno financeiro no momento da venda de seus animais. Além disso, enfatiza que a comercialização ideal seria no mínimo a cada dois meses, oportunizando maior retorno financeiro em momentos de valorização do produto pela indústria.

Outro aspecto importante observado na Tabela 2 é a inclusão feminina nesse ambiente comercial historicamente dominado por homens. Demonstrou-se que o número de comercializações concretizadas por mulheres supera a dos homens, o que não quer dizer que o volume de animais seja superior. No entanto, o número de comercializações de produtoras rurais que não possuem empregados não tem uma consistência prolongada no número de contratos quando comparados aos produtores.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2006), do total

de mulheres produtoras no Brasil que dirigem seus estabelecimentos, 91,5% são mulheres vinculadas a agricultura familiar. Langbecker (2016) identificou em seu estudo que algumas entrevistadas assumiam o protagonismo no espaço familiar responsabilizando-se pelas vendas dos animais na hora da comercialização. Da mesma forma, Barbosa e Lopes (2015) também constataram por condições adversas esse mesmo protagonismo.

Mesorregião	Número de comercializações realizadas ao longo do ano										Total
	1	2	3	4	5	6	7	8	10	12	
C. Ocidental	65,7	21,7	8,0	1,6	1,6	0,2	0,2	0,2	0,0	0,4	100,0
Acumulado	65,7	87,4	95,4	97,0	98,6	98,8	99	99,2	99,2	99,6	100,0
C. Oriental	79,1	16,6	4,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0
Acumulado	79,1	95,7	99,8	99,8	99,8	99,8	99,8	99,8	99,8	99,8	100,0
Metropolitana	66,6	0,0	0,0	0,0	0,0	33,3	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0
Acumulado	66,6	66,6	66,6	66,6	66,6	99,9	99,9	99,9	99,9	99,9	100,0
Nordeste	0,0	0,0	0,0	100	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0
Acumulado	0,0	0,0	0,0	100	100	100	100	100	100	100	100,0
Noroeste	64,7	21,4	7,6	3,6	1,2	0,4	0,0	0,4	0,4	0,0	100,0
Acumulado	64,7	86,1	93,7	97,3	98,5	98,9	98,9	99,3	99,7	99,7	100,0
Sudeste	74,8	17,4	3,5	3,5	0,0	0,4	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0
Acumulado	74,8	92,2	95,7	99,2	99,2	99,6	99,6	99,6	99,6	99,6	100,0
Sudoeste	73,6	15,6	5,9	1,4	1,0	1,0	0,5	0,7	0,0	0,0	100,0
Acumulado	73,6	89,2	95,1	96,5	97,5	98,5	99	99,7	99,7	99,7	100,0
Total	69,5	19,0	6,5	2,3	1,0	0,5	0,2	0,3	0,0	0,1	100,0
Acumulado	69,5	88,5	95,0	97,3	98,3	98,8	99,0	99,3	99,3	99,4	100,0

Tabela 3 – Percentual de pecuaristas familiares por região, e número de comercializações realizadas ao ano no período estudado

Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados da pesquisa.

*Legenda: Horizontal – Número de comercialização; Vertical - Mesorregiões Os totais de animais referentes à tabela 3 foram: Centro ocidental 17.077 cabeças, Centro Oriental 806 cabeças, Metropolitana 231 cabeças, Nordeste 180 cabeças, Noroeste 8.596 cabeças, Sudeste 6.365 cabeças, Sudoeste 15.927 cabeças, total geral 49.182 cabeças.

Na Tabela 3 se observa que na mesorregião Centro Oriental, 79% dos pecuaristas familiares realizam uma venda, já nas mesorregiões Centro Ocidental e Sudoeste, embora a maioria realize apenas uma venda ao ano, nessas regiões existem uma consistência no números de vendas. Na mesorregião Sudeste, assim como na Sudoeste os pecuaristas organizam suas vendas com maior volume de animais na primeira comercialização 74,8% e 73,6% respectivamente, e as demais vendas são realizadas moderadamente. Da mesma forma, a região Noroeste também concentrou um maior volume de animais na primeira comercialização.

Andreatta et al. (2016) citam limitações na comercialização dos pecuaristas de corte, entre eles a dificuldade de se obter uma “carga completa” de um caminhão boiadeiro, além da dificuldade logística, tendo em vista que os menores

estabelecimentos de pecuária geralmente se situam mais distantes dos frigoríficos. Estudando a caracterização da pecuária familiar em Bagé, região da campanha, foi observado que as vendas desses produtores, quase na totalidade das vezes, passa por um intermediário entre eles e os frigoríficos (PORTO; BEZERRA, 2016).

Porém, diferente das regiões anteriormente mencionadas, nas vendas subsequentes da região Noroeste essa obteve também um volume de vendas de animais (ver legenda Tabela 3) superior as demais regiões com exceção da região Centro Ocidental e Sudoeste, uma interpretação desse fato seria a grande disponibilidade de pastagens de inverno implantadas após as colheitas das lavouras de verão, principalmente o soja (VAZ et al., 2014).

Microrregião	Número de comercializações realizadas ao longo do ano								Total Geral
	1	2	3	4	5	6	7	8	
Campanha Central	73,4	15,6	7,0	0,7	0,7	0,7	0,7	0,7	100,0
Acumulado	73,4	89,0	96,0	96,7	97,4	98,1	98,8	99,5	100,0
Campanha Meridional	75,0	15,6	6,2	1,0	0,0	1,0	0,0	1,0	100,0
Acumulado	75,0	90,6	96,8	97,8	97,8	98,8	98,8	99,8	100,0
Campanha Ocidental	73,0	15,7	5,0	2,2	1,6	1,1	0,5	0,5	100,0
Acumulado	73,0	88,7	93,7	95,9	97,5	98,6	99,1	99,6	100,0
Total Geral	73,6	15,6	5,9	1,4	1,0	1,0	0,5	0,7	100,0
Acumulado	73,6	89,2	95,1	96,5	97,5	98,5	99,0	99,7	100,0

Tabela 4- Percentual de vendas realizadas no ano por pecuaristas familiares da mesorregião sudoeste (campanha) no período estudado

Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados da pesquisa.

*Legenda: Horizontal – número de comercialização (vendas); Vertical - Microrregião

Confrontando as aptidões agrícolas das regiões do estado do Rio Grande do Sul e a ocupação das áreas, se observa que a Campanha do estado ainda é a região onde algumas áreas agricultáveis são destinadas à pecuária de corte, tanto patronal como familiar. A Tabela 4 buscou-se analisar de forma separada essa região, a qual é dividida em Central, Meridional e Ocidental. Os dados mostram que nessa região os pecuaristas familiares não tem uma consistência prolongada de gado durante o ano e que em média 73,0% das vendas se concentram em uma única comercialização. Também foi observado um equilíbrio no número de vendas subsequentes, demonstrando uma continuidade e um possível planejamento desse processo de vendas. Conforme já comentado, Andreatta et al. (2016) citam que o pecuarista familiar tem a sua tomada de decisão alicerçada no momento do “melhor preço”, mas muitas vezes esse processo pode estar alicerçado na necessidade de liquidez do ativo circulante.

Fialho (2005) cita que no Rincão dos Marques, localidade objeto de sua pesquisa, na região Sul do Rio Grande do Sul, predomina uma agricultura familiar tradicional

com pequenas lavouras de reduzida produtividade e pequenos rebanhos de pecuária, que possuem em média 15 cabeças de gado e algumas poucas ovelhas.

Se existe realmente um planejamento do pecuarista familiar em vender sua produção nos momentos de melhor preço, é preciso considerar que o mercado do boi gordo é influenciado por condições de oferta e demanda e somente em situações extraordinárias os pecuaristas possuem poder de barganha suficiente para poder influenciar no preço, principalmente quando seus lotes não são de maior escala. Entendendo essa dinâmica de mercado, o pecuarista familiar tem na sua unidade de produção um número de animais superior ao da capacidade de produção de pastagem da sua propriedade, estratégia chamada de “poupança” pelos autores Ribeiro (2009), Waquil et al. (2016) e Matte (2017). Assim esses produtores podem organizar suas vendas nos momentos de maior valorização do produto e principalmente pela necessidade de obter renda, em situações de necessidade de caixa.

Já a microrregião da Campanha Meridional obteve a maior concentração de suas vendas na primeira comercialização com 75%, assim como no acumulado também obteve uma melhor distribuição de vendas. Nessa microrregião, os municípios historicamente tem como atividade econômica principal a pecuária de corte e a ovinocultura. Fernandes e Miguel (2016) estudaram a pecuária familiar na campanha gaúcha, citando que boa percentagem (26%) dos pecuaristas de Santana do Livramento, no século XIX exerciam a pecuária familiar em áreas arrendadas, o que hoje limitaria maiores investimentos em sistemas de engorda.

Defronte a essa realidade, se tem a mesorregião sudoeste, também chamada de região da Campanha, composta por grandes unidades de produção pecuária, o que estabelece um contraponto, como observado na Tabela 4, que demonstra um percentual significativo das vendas oriundas de pecuaristas familiares. Esse é um fato relevante, uma vez que, para a indústria, diante de um planejamento de compra, agora sabe-se que em determinadas comercializações o aumento de oferta pode estar também vinculada a um percentual de animais provenientes da pecuária familiar. Os dados também servem para ações de políticas públicas que estudem o comportamento comercial do pequeno produtor de bovinos para corte.

Mesorregião	Familiar		Não familiar		Total N°	Total %
	N°	%	N°	%		
Centro Ocidental	326	39,0	510	61,0	836	100,0
Centro Oriental	23	35,3	42	64,6	65	100,0
Metropolitana	4	11,1	32	88,8	36	100,0
Nordeste	1	16,6	5	83,3	6	100,0
Noroeste	183	42,9	243	57,0	426	100,0
Sudeste	183	37,4	306	62,5	489	100,0
Sudoeste	337	20,5	1307	79,5	1644	100,0
Total Geral	1057	30,1	2445	69,8	3502	100,0

Tabela 5 – Número e percentual de estabelecimentos em cada mesorregião de acordo com a condição de pecuarista familiar e não familiar no período estudado

Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados da pesquisa.

Na Tabela 5 se evidencia o resultado da tabela anterior, uma vez que o número de pecuaristas familiares localizados na mesorregião Sudoeste - chamada de região da Campanha - é superior às demais mesorregiões. A mesorregião Centro Ocidental também tem um número expressivo de pecuaristas familiares e a proximidade com a empresa frigorífica pesquisada facilita um maior volume de vendas em virtude dos custos operacionais da indústria, embora a referida possua representação de compradores de gado distribuídos por todo o estado.

Já em relação ao total de pecuaristas familiares e não familiares se destaca a mesorregião Noroeste do estado com 43% de pecuaristas familiares, demonstrando que mesmo sendo uma região produtora de soja com grandes extensões de terra para agricultura, também tem espaço para a pecuária familiar. A mesorregião Sudeste também demonstrou ser uma região com índices altos de pecuaristas familiares, chegando a 37% do total pesquisado. A Figura 2 mostra a pouca distribuição dessa classe social em algumas mesorregiões, como ocorre na Metropolitana e na Nordeste.

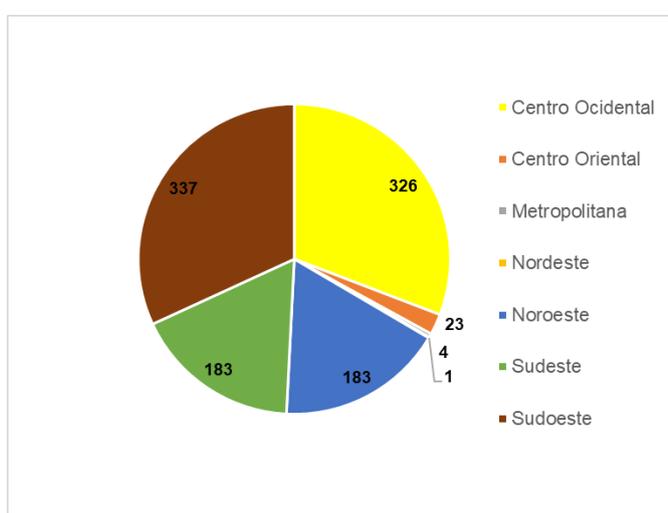


Figura 2 – Distribuição regional dos pecuaristas familiares amostrados na pesquisa

Na Tabela 6 é possível inferir o número de pecuaristas familiares nas diferentes microrregiões, sendo das 35 microrregiões do estado, em 28 delas, ou seja 80% existem pecuaristas familiares que comercializam seus bovinos com a indústria pesquisada, demonstrando a importância dessa categoria social para todo estado. Em conformidade a isso, dos 1.057 pecuaristas familiares identificados nessas microrregiões, 33,7% estão nas microrregiões da Campanha, região essa historicamente povoada por grandes propriedades rurais e que mereceu discussão especial feita em relação a Tabela 4.

Microrregião	Familiar		Não familiar		Total Nº	Total
	Nº	%	Nº	%		
Cachoeira do Sul	22	36,7	38	63,3	60	100,0
Camaquã	-	0,0	31	100,0	31	100,0
Campanha Central	100	22,4	346	77,6	446	100,0
Campanha Meridional	80	28,4	202	71,6	282	100,0

Campanha Ocidental	157	17,1	759	82,9	916	100,0
Carazinho	4	40,0	6	60,0	10	100,0
Cerro Largo	33	78,6	9	21,4	42	100,0
Cruz Alta	18	31,0	40	69,0	58	100,0
Frederico Westphalen	-	0,0	1	100,0	1	100,0
Guaporé	-	0,0	1	100,0	1	100,0
Ijuí	7	25,9	20	74,1	27	100,0
Jaguarão	24	31,2	53	68,8	77	100,0
Litoral Lagunar	70	36,3	123	63,7	193	100,0
Serras do Sudeste	86	45,3	104	54,7	190	100,0
Passo Fundo		0,0	4	100,0	4	100,0
Pelotas	3	10,3	26	89,7	29	100,0
Porto Alegre	1	100,0		0,0	1	100,0
Restinga Seca	22	64,7	12	35,3	34	100,0
Sananduva	-	0,0	1	100,0	1	100,0
Santa Cruz do Sul	1	20,0	4	80,0	5	100,0
Santa Maria	226	44,9	277	55,1	503	100,0
Santa Rosa	4	66,7	2	33,3	6	100,0
Santiago	78	26,1	221	73,9	299	100,0
Santo Ângelo	115	42,3	157	57,7	272	100,0
São Jerônimo	3	75,0	1	25,0	4	100,0
Soledade	2	66,7	1	33,3	3	100,0
Três Passos	-	0,0	2	100,0	2	100,0
Vacaria	1	20,0	4	80,0	5	100,0
Total Geral	1057	30,2	2445	69,8	3502	100,0

Tabela 6 – Número e percentual de estabelecimentos em cada microrregião de acordo com a condição de pecuarista familiar e não familiar no período estudado

Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados da pesquisa.

Outro dado significativo observado na Tabela 6 é a microrregião de Santo Ângelo, sendo a terceira microrregião com maior do número de pecuaristas familiares, essa relevância também foi observado no Censo Agropecuário 2006 onde a agricultura familiar teve uma contribuição de 43,1% no valor total da produção agropecuária. Fato esse importante no que diz respeito a implementação das pastagens de inverno deixadas pós colheita de grãos, sendo esse um dos principais motivos para se explicar a melhor distribuição de vendas da mesorregião Noroeste.

Diante dessas informações, é possível que as secretarias de agricultura e pecuária de cada microrregião organize o seu plano de desenvolvimento rural para o município, traçando metas e estratégias necessárias a fim de assessorar o pecuarista familiar na busca de melhores resultados, maximizando assim o lucro da sua propriedade rural.

Município	Familiar		Não familiar		Total N°	Total %
	N°	%	N°	%		
Uruguaiana	31	15,5	169	84,5	200	100,0
Sao Gabriel	28	23,5	91	76,5	119	100,0

Santana do Livramento	36	15,8	191	84,1	227	100,0
Santa Vitória do Palmar	62	38,0	101	61,9	163	100,0
Santa Maria	110	58,8	77	41,2	187	100,0
Rosario do Sul	34	38,2	55	61,8	89	100,0
Lavras do Sul	47	37,6	78	62,4	125	100,0
Júlio de Castilhos	23	20,3	90	79,6	113	100,0
Itaqui	6	5,2	108	94,7	114	100,0
Alegrete	28	14,4	166	85,6	194	100,0
Total geral	405	26,4	1.126	73,5	1531	100,0

Tabela 7– Número e percentual de estabelecimentos, dos dez municípios mais representativos, de acordo com a condição de pecuarista familiar e não familiar no período estudado

Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados da pesquisa.

A Tabela 7 mostra que deve haver um número expressivo de pecuaristas familiares na microrregião de Santa Maria, pois os contratos de venda mostram que 58,8% são feitos com essa classe de produtores. Diante dessa análise, é possível inferir que além de ser uma região mais urbanizada, considerada o centro geográfico do estado, a proximidade com a indústria pode ter corroborado para um alto número de vendas dos pequenos produtores. Outro aspecto demonstrado na mesma tabela é a quantidade desses pecuaristas na região da Campanha, pressupondo que eles sempre estiveram presentes, porém esquecidos pela comunidade científica e pelos órgãos responsáveis pelas políticas públicas dessa categoria.

A partir do Censo Agropecuário (IBGE, 2006) foi possível observar uma reestruturação da cadeia produtiva da carne junto a uma maior profissionalização dos produtores, incluindo os pecuaristas familiares. À vista disso, está a ascensão dessa nova categorial social desmistificada por extensionistas da Emater-RS. Entende-se porém, que muitos desses pecuaristas ainda não sabem que fazem parte dessa categoria social, pois desconhecem os critérios que os caracterizam.

Os resultados deste trabalho mostram, de forma geral, que diante de uma categoria social que foi identificada e estudada institucionalmente a partir de 1999/2000, as relações comerciais do pecuarista familiar com a indústria é pouco pesquisada, tendo em vista que a sua caracterização já foi delineada e alicerçada por pesquisadores renomados da comunidade científica. Com esse entendimento, o trabalho realizado por Matte (2017) transpõe essa página e direciona os próximos estudos para a forma de comercialização, os mercados e o comportamento comercial desses pecuaristas familiares.

Nesse contexto, foi possível identificar e descrever a dinâmica da comercialização de bovinos de corte provenientes da pecuária familiar nas diferentes mesorregiões do estado, uma vez que a maioria dos estudos já realizados debruçavam-se apenas sobre o sul do Rio Grande do Sul. Diante disso, e sabendo da representatividade da indústria pesquisada para o estado, foi exequível saber o grau de relevância das vendas dos pecuaristas familiares perante essa indústria.

4 | CONCLUSÕES

Os resultados mostram que 10,2% dos animais abatidos na indústria pesquisada durante o anos de 2010 a 2013 são provenientes da pecuária familiar, demonstrando assim a sua importância para essa indústria. Identificou-se também, que esse produtor está atento a época de melhor valorização de seu produto, exemplo disso é que 11,4% venderam seus animais em julho no chamado vazio forrageiro, onde as pastagens de inverno ainda não estão estabelecidas, e onde a indústria tem uma maior valorização do seu produto, muito em detrimento da escassez de animais para abate.

Se conclui que 70% dos pecuaristas familiares ainda concentram suas vendas em um único momento do ano. Ao identificar o gênero dos produtores se observou a relevante participação das mulheres frente a comercialização de animais para abate.

Logo, a pesquisa revelou que a pecuária de corte familiar está disseminada em todo estado, com algumas mesorregiões mais representativas no volume vendas, como é o caso da Centro Ocidental. No que diz respeito a classificação feita pela Lei Estadual nº 13.515 de 13 de setembro de 2010 , logicamente que pode não caracterizar perfeitamente o pecuarista, no entanto foi um passo importante para a sua regulamentação e diretrizes. O que finda dizer que as relações comerciais entre indústria-pecuarista familiar existem e demonstram representatividade nesse complexo mercado da carne.

Assim sendo, espera-se que os dados apresentados nessa pesquisa, o qual demonstram um possível comportamento da tomada de decisão dessa categoria, esses possam auxiliar os órgãos competentes no planejamento das ações, bem como na organização das políticas públicas proporcionando melhor estruturação nas relações comerciais da categoria e, conseqüentemente, maior valorização do seu produto.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, P. F. C. A gestação das condições materiais da implantação da indústria gaúcha 1870-1930. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, RS, v. 13, n. 2, p. 546-577, 1992.

ANDREATTA, T. **Bovinocultura de corte no Rio Grande do Sul: um estudo a partir do perfil dos pecuaristas e organização dos estabelecimentos agrícolas**. 2009. 241f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ANDREATTA, T. et al. A organização dos estabelecimentos de pecuária de corte de base familiar no Rio Grande do Sul. In: WAQUIL, P. D. et al. **Pecuária familiar no Rio Grande do Sul: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 65-86.

BARBOSA, A. A. N.; LOPES, M. J. M. Mulheres na agricultura familiar do Semiárido Norte Mineiro: exclusão, inclusão e desenvolvimento rural do feminino. In: STADUTO, J. A. R.; SOUZA, M.; NASCIMENTO, C. A. **Desenvolvimento rural e gênero: abordagens analíticas, estratégias e políticas públicas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015. p. 293-319.

EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL (EMATER/RS). Associação riograndense de empreendimentos, assistência técnica e extensão rural. **Pecuária familiar**. Escritório Município de Santa Maria. Relatório anual. 2016.

FARINATTI, L. A. **Criadores de gado na Fronteira Meridional do Brasil (1831-1870)**. Anais das II Jornadas de História Regional Comparada, Porto Alegre: CD-ROM, 2005.

FERNANDES, V. D.; MIGUEL, L. A. A presença histórica da pecuária familiar na região da campanha do rio Grande do Sul (Santana do Livramento, século XIX). In: **Pecuária familiar no Rio Grande do Sul: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento** / organizado por Paulo Dabdal Waquil ... [et al.]. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 41- 61.

FERREIRA FILHO, A. **História Geral do Rio Grande do Sul: 1503-1957**. Porto Alegre: Globo, 1958. 184p.

FIALHO, M. A. V. **Rincões de pobreza e desenvolvimento: interpretações sobre comportamento coletivo**. 2005. 223f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) - Curso de Pós-graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Agropecuário de 2006: agricultura familiar, primeiros resultados, 2006**.

LANGBECKER, T. B. **Trabalho e gênero: mulheres na atividade pecuária familiar no município de Encruzilhada do Sul/RS**. 2016. 178f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MARTINI, A. P. M. **Características morfogênicas da pastagem de sorgo forrageiro submetido ao pastejo contínuo de novilhos de corte suplementados**. 2015. 58f. Dissertação (Mestrado em Zootecnia) - Programa de Pós-graduação em Zootecnia, Universidade Federal de Santa Maria.

MATTE, A. **Convenções e mercados da pecuária familiar no sul do Rio Grande do Sul, Brasil**. 2017. 294f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MOOJEN, E. L.; MARASCHIN, G. E. Potencial produtivo de uma pastagem nativa do Rio Grande do Sul submetida a níveis de oferta de forragem. **Ciência Rural**, v. 32, n. 1, p. 127-132. 2002.

PESAVENTO, S.J. **História do Rio Grande do Sul**. 7. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994. 142 p.

PINSONNEAULT, A.; KRAEMER, K. Survey research methodology in management information systems: an assessment. **Journal of management information systems**, v. 10, n. 2, p. 75-105, 1993.

PINTO, C. E. et al. Produções primária e secundária de uma pastagem natural da Depressão Central do Rio Grande do Sul submetida a diversas ofertas de fitomassa aérea total. **Revista Brasileira de Zootecnia**, v. 37, n. 10, p. 1737-1741, 2008.

PORTO, R. G. **Caracterização da pecuária familiar na região da Campanha Meridional: estudo de caso no município de Bagé, Rio Grande do Sul**. 2008. 166f. Dissertação (Mestrado em Sistemas de Produção Agrícola Familiar) – Programa de Pós-graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar, Universidade Federal de Pelotas.

PORTO, R. G.; BEZERRA, A. J. A. Perfil socioprodutivo dos pecuaristas familiares em Bagé, Rio Grande do Sul. In: WAQUIL, P.D. et al. (Org.) **Pecuária familiar no Rio Grande do Sul: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 109-129.

RIBEIRO, C. M. **Estudo do modo de vida dos pecuaristas familiares da região da campanha do Rio Grande do Sul**. 2009. 304f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

RIBEIRO, C. M. O modo de vida dos pecuaristas familiares no pampa brasileiro. In: WAQUIL, P. D. et al. **Pecuária familiar no Rio Grande do Sul: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 87-108.

RIO GRANDE DO SUL. Decreto N° 48.316, de 31 de agosto de 2011. Regulamenta o Programa Estadual de Desenvolvimento da Pecuária de Corte Familiar – PECFAM, instituído pela Lei nº 13.515, de 13 de setembro de 2010. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/DEC%2048.316.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

SCHNEIDER, S. **A diversidade da agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

SCHNEIDER, S. Mercados e Agricultura Familiar. In: MARQUES, F.C.; CONTERATO, M.A.; SCHNEIDER, S. (Org.). **Construção de Mercados e Agricultura Familiar: desafios para o desenvolvimento rural**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p.93-157.

SILVA NETO, B. **Avaliação e caracterização sócio-econômica dos sistemas agrários do Rio Grande do Sul**. Ijuí: Departamento de Estudos Agrários/UNIJUÍ, 2002.

SOARES, A. B. et al. Produção animal e de forragem em uma pastagem nativa submetida a distintas ofertas de forragem. **Ciência Rural**, v.35, n.5, p.1148-1154, 2005.

VAZ, F. N. et al. Fatness Beef Cattle Purchase Transactions Study in a Abattoir Firm in the Rio Grande Do Sul State. **American International Journal of Contemporary Research**, v. 4, n. 9, p. 165-174, 2014. Disponível em: <http://www.ajcrnet.com/>Acesso: fev. 10, 2019.

WAQUIL, P. D. et al. **Pecuária familiar no Rio Grande do Sul: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 65-86.

SOBRE OS ORGANIZADORES

TAYRONNE DE ALMEIDA RODRIGUES Filósofo e Pedagogo, Especialista em Docência do Ensino Superior, e Biodiversidade pela Faculdade Entre Rios do Piauí. Atualmente desenvolve pesquisas em torno do ser responsável com referência no princípio responsabilidade de Hans Jonas. Estuda as análises atuais, que se concentram na educação ambiental como saber filosófico para a construção de uma sociedade pautada no desenvolvimento sustentável. Nas ciências do meio ambiente investiga impactos ambientais recorrentes em áreas do semiárido e o estudo do saber tradicional através do uso fitoterápico das plantas medicinais por comunidades locais. Atuou em eventos no Cariri Cearense como debatedor, organizador e palestrante. Publica ativamente os resultados de suas pesquisas em revistas e jornais regionais e nacionais, utilizando-se destes meios para o compartilhamento e difusão das descobertas científicas. Email: tayronnealmeid@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9378-1456>

JOÃO LEANDRO NETO Filósofo. Pedagogo. Especialista em Docência do Ensino Superior e Gestão Escolar. Estudou arte italiana com ligação na Scuola di Lingua e Cultura - Itália Publicou trabalhos em eventos científicos, com temas relacionados a pesquisa na construção de uma educação valorizada e coletiva. Convidado a ser debatedor em mesas redondas, com temas como: filosofia no ensino médio, diálogos em torno do pensamento de Santo Agostinho de Hipona, filosofia e educação em Platão, ética e contemporaneidade. Atualmente se dedica a pesquisar sobre métodos e comodidades de relação investigativa entre a educação no ensino médio e o processo do aluno investigador na Filosofia, trazendo discussões como o negro e seu emponderamento educacional, a educação acessível, os processos educacionais, e as relações educação-docente na construção de um futuro capaz de perceber a importância do compartilhamento de função. Amante da poesia nordestina com direcionamento as condições históricas do resgate e do fortalecimento da cultura do Cariri, se dedica a pesquisar processos históricos regionais. Email: joaoleandro@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1738-1164>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acerola 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 131

Ácido Indolbutírico 80, 81, 85

Antioxidantes 41, 61, 62, 66

Áreas Degradadas 26, 27, 127, 128, 131, 134, 136

B

Biodiversidade Alimentar 53, 57

Bioquímica 36, 52, 116

Brasil 3, 11, 12, 13, 16, 26, 27, 30, 34, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 51, 52, 53, 55, 56, 59, 60, 62, 64, 68, 71, 72, 73, 74, 76, 77, 87, 92, 93, 94, 96, 97, 100, 101, 103, 104, 106, 112, 113, 119, 120, 122, 124, 126, 127, 128, 129, 130, 133, 134, 136, 147, 152, 160, 167, 169, 176, 180, 183

C

Consumidor 50, 79, 92, 93, 94, 95, 98, 101, 102, 117, 147

D

Didática 118

E

Ecossistema Amazônico 2

Educação Intercultural 71, 73, 76

Estágio Supervisionado 114, 115

Estaquia 78, 79, 80, 82, 84, 85

Extensão Rural 1, 4, 7, 8, 27, 46, 129, 153, 155, 167

H

Hidrologia 16, 103, 113

J

Juventude 1, 4, 11

M

Mapeamento 14, 15, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 103, 105, 106, 108, 110, 113

Medicina 41, 53, 97

Mel 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102

O

Ômega 3 61, 66

P

Plantas Ornamentais 78, 79

Pluviosidade 14

Prática Docente 114, 115

R

Responsabilidade 5, 134, 141, 197

Rúcula 86, 87, 88, 89, 90, 91

S

Sistema de Produção 86

V

Vitamina C 44, 52

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-574-7



9 788572 475747